

EXPERIÊNCIAS EM DANÇA QUE TRANSBORDAM: AÇÕES, CRIAÇÕES E AFIRMAÇÕES POÉTICAS DE CORPOS DIVERSOS

Marlini Dorneles de Lima

Professora do Curso de Licenciatura em Dança e vice coordenadora do Programa de Pós-graduação em Artes da Cena da Universidade Federal de Goiás, Doutora em Arte pelo Instituto de Arte da Universidade de Brasília, Diretora artística do Grupo de Dança Diversos. marline_lima@ufg.br

Vanessa Helena Santana Dalla Déa

Professora da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás. Pós-doutora em Performance Cultural pela Universidade Federal de Goiás e em Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenadora de Acessibilidade do Grupo de Dança Diversus. vanessasantana@ufg.br.

Rosirene Campelo dos Santos

Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás UEG. Coordenadora Pedagógica do Grupo de Dança Diversus. rosirene.santos@ueg.br

Adriana Lopes de Oliveira

Professora de Dança, Fisioterapeuta e mestrando no Programa de Pós graduação em Artes da Cena, adrianalopes@discente.ufg.br.





RESUMO

O Grupo de Dança Diversus atua na busca de questionar, tensionar e, por que não, desconstruir padrões normativos de corpo que dança e faz arte, apresentando uma proposta de Dança Inclusiva friccionada e dilatada pelo pensamento decolonial. Por meio de suas produções artísticas, se propõe a estudar a acessibilidade cultural presente nos processos criativos e desvelada nas poéticas acessíveis e nos processos de formação artística com e para pessoas com e sem deficiência. Este artigo tem como objetivo relatar e refletir sobre três ações formativas que partem do espetáculo virtual TransBordar, concebido por meio da concepção cênica acessível, pautada pelo diálogo com as cartografias de corpos dançantes, singulares e diversos. Em números, foram duas mostras audiovisuais com cinco exposições e debates nas redes sociais, onze oficinas de dança e duas rodas de conversas.

Palavras-chave: Dança; Inclusão; Acessibilidade cultural.

EXPERIÊNCIAS EM DANÇA QUE TRANSBORDAM: AÇÕES, CRIAÇÕES E AFIRMAÇÕES POÉTICAS DE CORPOS DIVERSOS

Marlini Dorneles de Lima

Vanessa Helena Santana Dalla Déa

Rosirene Campelo dos Santos

Adriana Lopes de Oliveira

INTRODUÇÃO

Enquanto se insistir em falar do outro como um não eu, onde a diferença desigual, separa, invisibiliza, anula e o considera um não humano, enquanto se precisar enquadrar o outro a dançar, obedecendo-se o padrão normativo de corpo, e enquanto houver dificuldade de promover relações com a arte, sem considerar os encontros com a diferença, será preciso, ainda, falar de inclusão. Vive-se em um país e em uma sociedade excludente, totalitária e capitalista, onde a deficiência é vista apenas e exclusivamente como uma diferença que produz estigmas de improdutividade e, assim, dita onde, como e quem pode viver, fazer arte e dançar.

As ações, os projetos e a pesquisa que o Grupo de Dança Diversus (GDD) desenvolveu nos últimos anos têm convocado a fazer um exercício de alteridade profunda no campo dos processos e experiências formativas, educacionais e artísticas em dança, com e para pessoas com e sem deficiência. Partiu-se de uma “proposta de Dança Inclusiva e decolonial, como forma de inclusão de pessoas com deficiência, e de discussão sobre preconceito e educação para direitos humanos” (DALLA DÉA *et al.*, 2021, p. 90).

Este artigo tem como ponto de partida e como objetivo o exercício de relato e reflexão sobre os três últimos trabalhos do Grupo de Dança Diversus. Trata-se de um estudo de caso em que serão apresentados as seguintes ações: o espetáculo virtual “TransBordar”, contemplado pelo prêmio FUNARTE-Festival Acessibilidança, em 2020; o Projeto “TransBordar: atividades formativas em dança e difusão cultural”, contemplado pela Lei Aldir Blanc, em 2021; a Secretaria Municipal de Cultura do Município de Goiânia e o Projeto “O que transborda em você? Ações, criações e afirmações poéticas”, tendo como instituição proponente a Associação Down de Goiás (ASDOWN), contemplado pelo edital (16-2021, SECULT-GO) de Arte e Cultura em Direitos Humanos, Lei Aldir Blanc.

GRUPO DE DANÇA DIVERSUS (GDD): UMA BREVE APRESENTAÇÃO DA TRAJETÓRIA E DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS

O GDD se caracteriza como um projeto de extensão da Universidade Federal de Goiás. Desde sua concepção, em 2011, conta com a participação de artistas com diferentes características, abrangendo diversidades motoras, auditivas, visuais, intelectuais, de gênero, raça e etnia, faixa etária e de experiências com a dança. O grupo de dança vem participando e atuando no cenário artístico da dança em Goiânia, Brasil, e no cenário internacional. Já foi contemplado, em editais, como Lei de Incentivo à Cultura do Município de Goiânia, Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás, Lei Aldir Blanc, IBERESCENA, Fundação Nacional de Artes (Funarte), com o Prêmio Acessibilidança (2020; 2021), entre outros editais.

O foco do GDD é oportunizar e investigar acerca de processos de formação e criações artísticas em dança, que se fundamentam na busca por uma dança contemporânea que emerge e se inspira justamente pelo sentido da insurgência. Buscam-se, portanto, ações e formas que se rebelam contra um poder estabelecido, que, em suas experiências diversas, se posicionam contrárias à hegemonia de corpos que podem dançar, aos cânones da dança e às formas de violência, frutos do colonialismo.

Trata-se de um grupo que encontra, na diferença, uma dança de corpos diversos que contesta, frente aos processos de invisibilização, preconceito e capacitismo no campo das artes e em outras esferas da vida. Esses processos também são formas de violência colonial, nas quais os olhares atentos do pensamento decolonial devem e precisam se debruçar, para além das categorias como raça, gênero e localização geopolítica.

Dessa forma, a dança é encarnada em movimentos de contraposição e resistência às desigualdades de acesso às quais as pessoas estão submetidas e que possuem sua condição de existência não normativa de corpo (bípede, magro, vidente, ouvinte, jovem, longilíneo). Alguns autores e autoras pontuam sobre o acesso desigual aos direitos ou à riqueza social, cultural, educacional e artística produzida (DALLA DÉA *et al.*, 2021; DO CARMO; DE CASTRO, 2020; BEIGUI, 2020).

Assim, a trajetória identitária do grupo de dança vem revelando e mobilizando práticas decoloniais. Estas práticas apresentam corpos, poéticas e práticas outras de dançar, de aprender e conceber a recepção em dança, a partir das discussões sobre direitos humanos, decolonialidade, diversidade, diferença e acessibilidade.

Tais pontos de partida se baseiam na ideia de insurgência, pois pautam em uma dança que parte de corpos insurgentes, inspirados por Foucault (2010) e Judith Butler (2018). Pauta-se, sobretudo, nas contribuições do artista Felipe Henrique Monteiro Oliveira, no artigo “O performer insurgente: performances de um corpo diferenciado”, no

qual este aponta para a função do performer na cena, em especial o performer com corpo diferenciado¹. O artista afirma que:

O papel do performer na cena, em especial o performer com corpo diferenciado, se configura como insurgente principalmente quando este sujeito se torna artista e compreende a política como performance e passa a assumir o que defino como a função de insurgente em seu fazer performático. (OLIVEIRA, 2019, p. 199)

Acredita-se e orienta-se na produção em artes da cena, que afirmam a presença de pessoas e de suas corporeidades, as quais a racionalidade ocidental moderna insiste em excluir. Com isso, questionam-se padrões que ditam ausências de corpos, ou melhor, ditam ausência de muitos corpos nas artes da dança e performance.

Em suas obras e estudos, o grupo questiona os processos de formação no campo da dança e vem contribuindo no processo de formação de acadêmicos na área da dança, do teatro, da performance cultural, musicoterapia e educação física. Segue-se reivindicando uma arte que revela as emoções, os afetos e os contornos da vida, sem se igualar aos ditames do tecnicismo, da ditadura e de se superar limites e rendimentos. Busca-se e acredita-se, assim, em formas outras de fazer dança e estéticas que acolham o humano e a diversidade humana, de fato.

AÇÕES FORMATIVAS NA DANÇA: FORMAS DE (RE)EXISTÊNCIA EM BUSCA DE UMA AFIRMAÇÃO POÉTICA E INCLUSIVA

As ações formativas e afirmativas²⁶ em dança, realizadas nos projetos apresentados neste artigo, partem do espetáculo virtual “TransBordar”, premiado pelo Festival Acessibilidança, em 2020. A concepção cênica acessível deste espetáculo foi pautada pelo diálogo com as cartografias de corpos dançantes, singulares, atuais, diversos e incluídos na força arrebatadora dos processos de exclusão, que, no ano de 2020, experienciaram outro formato de isolamento por uma situação pandêmica nunca vivenciada em nossos tempos.

1 O termo “corpos diferenciados” foi criado por Felipe Monteiro (2013) e Nara Salles para designar as pessoas com deficiência.

2 A expressão afirmativa se inspira no movimento das ações afirmativas, que, no contexto brasileiro, atua no campo conjunto de políticas compensatórias de discriminação. O objetivo é compensar membros de grupos sociais atingidos por formas de exclusão social que lhes tiraram um tratamento igualitário no acesso à diversas oportunidades (GALEÃO-SILVA; ALVES, 2002).

Figura 1 – Material de divulgação do espetáculo virtual



Fonte: Acervo do GDD, 2020.

#Descrevipravocê

Imagem colorida de um cartaz de divulgação, em formato paisagem, no centro da imagem, dentro de um bastidor de bordado, a palavra Transbordar, sendo escrita por uma linha vermelha com agulha. Ao fundo, fotografias em branco e preto com detalhes vermelhos, entre as fotos há detalhes vermelhos; e na parte de baixo do cartaz às logomarcas. (Fim da descrição).

Esta situação de necessidade de distanciamento social provocou muitas outras contradições, perdas e estado de recessão. Os teatros e pontos de cultura tiveram que fechar as portas. Os projetos de criação de espetáculos presenciais precisaram parar, e assim, igualmente, o GDD parou de se encontrar fisicamente, como muitos artistas da dança. Foi neste cenário que surgiu a Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020, que serviu de auxílio emergencial ao setor cultural em função da pandemia da Covid-19. Foi denominada “Aldir Blanc”, em homenagem ao importante compositor carioca de mesmo nome que faleceu, vítima da Covid-19 (BRASIL, 2020). Nesse mesmo ano de 2020, a FUNARTE lançou o edital Acessibilidança, que premiou companhias de dança que tenham como concepção cênica a acessibilidade.

Esses editais, enquanto políticas públicas na área da cultura, foram decisivos para que as ações do GDD pudessem continuar com suas propostas de aula e de criação em dança de forma remota, assim como uma possibilidade ímpar de dar continuidade à democratização do nosso acervo de espetáculos e produtos audiovisuais (ENDLESS, TRANSBORDAR).

No início de 2022, foram desenvolvidos dois projetos, um vinculado à Secretaria de Cultura do Município de Goiânia, e outro à Secretaria de Cultura de Goiás do Estado de Goiás. Os dois focavam em atividades remotas e que abordavam atividades formativas em dança e difusão cultural. Todas traziam como referência a poética acessível, consideradas insurgentes poéticas acessíveis em tempos pandêmicos.

Impulsionadas pela poética do espetáculo virtual “TransBordar”, foram desenhadas como oficinas de dança direcionadas pelos artistas com e sem deficiência do grupo, mostras audiovisuais virtuais, construção de uma vídeo-carta, bem como a produção deste artigo. Em síntese, as ações propostas nos dois projetos traduzem a trajetória múltipla de um coletivo de artistas que acredita na dança e na diferença, enquanto potência do ser humano, na luta contra a exclusão e no enfrentamento de qualquer tipo de preconceito que fere o direito a ser diferente.

Entre as ações presentes nos dois projetos, destaca-se, primeiramente, a mostra audiovisual “Criações e afirmações de SER Diversus”. As obras foram comentadas por artistas do elenco, pelas coordenações de acessibilidade pedagógica e artística do GDD, pelos consultores em Libras e por meio da audiodescrição, para falar sobre o processo de criação da obra TransBordar. Todas as ações contaram com recursos comunicacionais, pela presença do intérprete de LIBRAS ou pela apresentação das convidadas e convidados, de forma a se audiodescreverem. As sessões ocorreram nas redes sociais³⁷ do GDD e do curso de dança da Faculdade de Educação Física e Dança, da Universidade Federal de Goiás. Já o alvo das oficinas realizadas foi possibilitar espaços formativos, tanto para os artistas do grupo, para dar continuidade a suas pesquisas individuais, quanto para a participação da comunidade, vivências que contribuíram para o processo identitário do grupo de dança. Foram discutidas questões de metodologia da Dança Inclusiva, conceito que será abordado na sequência deste texto, em diálogo estreito com referências de pesquisas em dança, educação somática, dança do ventre, dramaturgia do corpo diverso e poéticas da diferença.

O primeiro tema abordado nas oficinas foi “Corpos e espaços fronteiriços na dança”. A proponente exerce no GDD a coordenação pedagógica e tratou, em sua oficina, das diversas perspectivas de fronteiras. Discutiu-se a relação entre espaço e corpo, o que está na fronteira, nas bordas e através destas, e refletiu-se, ainda, sobre o conhecimento do ser humano (e de seu corpo), do território (espaços) e da arte (movimento/criação). Debateu-se sobre o lugar de todas as danças, poéticas diversas e habilidades mistas na dança, assim como a relação com o outro a partir de contextos espaciais e temporais. Na pesquisa de movimentos, por exemplo, foram exploradas questões, como expandir e recolher: O que transbordar para fora? O que trazer para perto?

3 Redes sociais: Canal Oficial do youtube Dança UFG e Canal- Diversus - Grupo de Dança.

A segunda oficina foi sobre a formação da “Dança do Ventre”, realizada por uma bailarina com Síndrome de Down e por outra bailarina/mãe integrante do grupo. Nesta oficina, exploraram-se movimentos técnicos das danças orientais árabes e de movimentos livres, e abordou-se o tema sobre o feminino que transborda em cada um. Este momento formativo marcou, sobretudo, a relação de cumplicidade e parceria de trabalho destas duas bailarinas, que já têm atuado em cena e em momentos formativos do GDD.

Já a oficina “Poéticas de um corpo atlântico e processos de criação” foi conduzida por uma artista da dança e dos estudos das performances culturais, a dança negra e afrodiáspórica. A oficina contou com alguns momentos, e o primeiro foi denominado “Adentrando no mar”, que apresentou a biografia de Beatriz Nascimento, bem como poemas do livro *Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios* (RATTS; GOMES, 2015). Na sequência, propôs-se o momento de “degustação” de poemas, com diferentes ações como gargalhar, cochichar, chorar, lentas e rápidas. Logo, foi utilizada a experimentação do jogo coreográfico, metodologia desenvolvida por Ligia Tourinho (2007), definida como um exercício sobre o ato de coreografar e ser coreografado, uma proposta pedagógica que envolve pressupostos e fundamentos estruturados a partir do diálogo, da concretização dos acasos. As ações do jogo foram propostas por meio das palavras dos poemas, e, para finalizar, foi desenvolvido o momento “Reconhecendo o mar”, como um espaço de criação.

O tema “Trabalho performático: ciclo das emoções”, foi apresentado por uma artista do grupo de dança que atua e pesquisa performance. Discutiu-se o conteúdo expressivo, como perceber o corpo na relação com as emoções, e se introduziu a percepção dos opostos. Teve como foco o “Ciclo das emoções”, que tem como objetivo:

Promover aos participantes uma vivência corporal, expressiva, estética e sensível. A partir de elementos que remetam a sensações de delicadeza, ciclicidade e fluxo, experienciadas em investigações individuais e coletivas. (PLANO DA OFICINA, 2022, n.p.)

Outro tema abordado foi “corpo em cartas do bem viver”, por uma artista com deficiência, que propôs desenvolver uma preparação corporal conduzida pelo corpo e as palavras no corpo em busca de uma poética corporal. Esta foi estimulada pela Wuppertal dança-teatro, de Pina Bausch, pautada pelos traços metodológicos da repetição e transformação (FERNANDES, 2000). Aicineira utilizava os movimentos da vida diária para poetizar os encontros entre os corpos que estavam em sua oficina.

Para finalizar o ciclo de oficinas, realizou-se, de forma *on-line*, uma oficina com artistas da companhia portuguesa “Dançando com a Diferença”, fortalecendo as relações de troca sobre o conceito de Dança Inclusiva e a respeito dos caminhos desenvolvidos pelos dois grupos. A oficina se deu, principalmente, a partir de discussões sobre as pesquisas de criação e de processos formativos para dançarinos e dançarinas com e sem

deficiência, tanto no Brasil, com o GDD, como em Portugal, com o “Dançando com a Diferença”.

Houve, também, rodas de conversa com mães e familiares dos integrantes do grupo, elaboradas por três integrantes, sendo uma bailarina/mãe e dois bailarinos com Síndrome de Down. Os proponentes orientaram a discussão da oficina ao apresentarem a história desta mãe, como ela entrou no grupo, e o significado da dança inclusiva vivenciada no trabalho do GDD para ela e para seu filho. Depois, essa mãe propôs uma reflexão coletiva sobre o que é ser mãe e ser mulher, para depois, então, convidar a todos e a todas para dançarem juntos e juntas.

Foram duas mostras audiovisuais (com cinco exposições e debates) nas redes sociais, onze oficinas de dança, sendo algumas remotas e outras presenciais, e duas rodas de conversas.

Por um transbordar de uma práxis artística acessível e diversa

[...] conquistar espaços para a diversidade humana no universo profissional das artes contemporâneas...novos espaços, novas oportunidades, a dança inclusiva ainda é esta onda que provoca choque, mudanças que demonstram diferentes formas de intervenções na arte e a partir da arte (AMOEDO, 2022, n.p).

A oficina iniciou-se com as palavras do diretor Henrique Amoedo, na oficina de dança (*on-line*), realizada pelo projeto “O que transborda em você? Ações, criações e afirmações poéticas”. O diretor e pesquisador, em seu estudo de mestrado em 2002, apresentou o conceito de Dança Inclusiva, e, ao longo desses anos, tem contribuído a partir do trabalho da companhia portuguesa “Dançando com a Diferença”, na qual é diretor. Amoedo, relata:

Optamos neste momento, por chamar de Dança Inclusiva aqueles trabalhos que incluem pessoas com e sem deficiência onde os focos terapêuticos e educacionais não são desprezados, mas a ênfase encontra-se em toda a elaboração e criação artística. Todo este processo deve levar em consideração a possibilidade de mudança da imagem social e inclusão destas pessoas na sociedade, através da arte de dançar, uma necessidade premente em vários países onde este tipo de trabalho existe (AMOEDO, 2002, p. 22)

Apesar da temporalidade que esse conceito traz em seu discurso sobre a inclusão, acredita-se na urgência de se ampliar o olhar não só para o conceito, mas para se compreender a biopolítica escrita e denunciada: nos corpos; na presença desses corpos com deficiência na cena da dança; nos discursos sobre inclusão social e no desafio da autonomia artística para estas pessoas, ainda presentes no contexto atual. Concorda-se com Bertoldi e Souza (2009) quando elas salientam, em seu estudo, a respeito da Dança Inclusiva, na era do hibridismo do corpo e das áreas de conhecimento. É urgente lançar e expandir os olhares para possibilidades de novas discussões, convidando outros debates que enfrentam certezas pautadas em demarcadores de eficiência e no binômio, como a noção

de modernidade/colonialidade proposta pelo giro decolonial, abordado por Motta Neto (2016) e Ballestrin (2017). Desta forma, pode-se (re)significar e/ou dilatar o entendimento da Dança Inclusiva, compreendendo-se a dança enquanto uma prática social, inserida num cenário de contradições, no qual a exclusão é vital para o sistema capitalista liberal e excludente. Neste cenário, diversas minorias já são majorias, quantitativamente, mas se encontram invisibilizadas pelos espaços e pelas narrativas de poder, inclusive das produções, dos fomentos e das formações em dança.

Vale destacar que a compreensão da Dança Inclusiva tem sido um dos eixos estruturantes da proposta de orientação metodológica do GDD. Em outros escritos, já foi pontuado que o entendimento dessa dança inclusiva precisa ser considerado sob alguns aspectos, como compreender o momento histórico em que o conceito foi elaborado e que este já se definia como provisório. Porém, a questão da inclusão no âmbito da educação e da arte, aqui no Brasil, ainda é muito diversa e desigual. Há ainda uma necessidade de ruptura com os estereótipos, em que a visão da inclusão na arte e na educação ainda permanece em um lugar assistencialista e capacitista, de forma preponderante, pautada no modelo médico da deficiência. Destarte, o desafio é transbordar as estéticas hegemônicas do corpo e da dança contemporânea, tanto no campo da formação em dança, como das companhias de dança, que ainda conseguem sobreviver neste país.

O trabalho do GDD busca uma perspectiva de Dança Inclusiva que envereda por uma estética e beleza artística diferente e de excelência. Apresenta-se, ainda, como uma proposta que envolve diferentes frentes na formação e preparação técnica dos corpos e no trabalho da autonomia e da garantia um elenco inclusivo. A cada trabalho, este elenco tem a oportunidade de atuar a partir de sua competência corporal, de sua postura de ser e estar no mundo. Esses aspectos também são encontrados na proposta de trabalho do Dançando com a Diferença, com direção de Henrique Amoedo.

Assim, infere-se que essa busca também foi transbordada nas ações propostas naqueles editais, que fomentaram e desenvolveram práticas em dança que vão além dos aspectos terapêuticos, educacionais e inclusivos, pautados exclusivamente na perspectiva educacional da inclusão. Mas, ao contrário, decidiu-se abordar os processos de criação que partem dos próprios corpos e de suas diferenças, enquanto criadores de uma dramaturgia de suas danças, de dramaturgia artísticas, que desejam e inauguram outras poéticas do fazer, dizer e apreciar a dança.

Enfim, os processos formativos partiram de todos os momentos que se experencia um estado de alteridade. Como citado por Greiner:

Pode-se considerar que a experiência da alteridade, que lida com tudo aquilo que não é o mesmo, e sim, um estado outro, acionado por algo, alguém, alguma circunstância ou ideia diferente, constitui-se como um dos nossos principais operadores de movimento. (GREINER, 2019, p. 55)

Esta experiência é provocada também pela sua pergunta acerca da arte e do seu papel: O que a arte pode fazer para enfrentar o colonialismo, para não ser subserviente aos dispositivos do poder? (GREINER, 2017, p. 125).

Nesse contexto, é justamente por acreditar no papel da arte para processos de transgressão e transformação que se continua a dilatar e a compreender o conceito de Dança Inclusiva, a partir do que se está produzindo e propondo no GDD. Corpos com deficiência precisam falar de si e para outro, de como compreendem, percebem e constroem processos de ressignificação, de insurgências poéticas que podem refutar e se alimentar de grandes e paradigmáticas verdades. Concorda-se com Greiner (2017, p. 121), quando ele afirma que “[...] talvez um dos principais desafios é exatamente vencer um certo colonialismo – um dos vestígios cognitivos mais profundos e difíceis de desestabilizar”.

REFLEXÕES FINAIS QUE TRANSBORDAM EM POSSIBILIDADES

A trajetória de ações do GDD atua com, na e por meio da dança, na busca por quebrar e/ou pelo menos tensionar as regras e os padrões impostos pelo modelo normativo e hegemônico do corpo que dança e faz arte. Os trabalhos do grupo de dança buscam, em suas produções artísticas, novas propostas estéticas que vão ao encontro das discussões da acessibilidade cultural, de processos criativos e poéticas acessíveis, bem como de processos de formação artística com e para grupos com pessoas com e sem deficiência.

Essas ações impulsionam a insurgir na luta em prol da equidade, da justiça social e cognitiva, dos direitos humanos e sobretudo em busca de uma formação artística para uma poética da diferença. Ou seja, é um fazer onde o outro e a diferença guiam e potencializam os processos de formação em dança.

Um outro olhar é direcionado para a pesquisa em poéticas das artes da cena, que parte da diferença, da problematização de outros marcadores como idade, gênero, etnia e raça, das formas de viver no mundo e da acessibilidade comunicacional, provocando um alargamento estético e, portanto, propõem-se formas outras de dançar.

Nessa perspectiva, os objetivos desenvolvidos nos projetos, nos anos de 2020 e 2021, buscam realizar ações no campo da difusão de produção artística cultural e ações formativas no formato de oficinas, entrevistas e artigo nas áreas da dança, inclusão e acessibilidade da pessoa com deficiência. A discussão foi em torno dos direitos humanos, e as ações afirmativas foram como mote conceitual e transformador.

Volta-se, todavia, à afirmação iniciada neste escrito, que discorre sobre o outro e aponta que, enquanto se insistir em falar do outro como um não eu, quando a diferença desigual, se continuará ecoando um conceito de inclusão que se pauta na dicotomia, na produtividade, no capacitismo e nos estigmas. Por essa razão, destaca-se a importância dos projetos e das ações aqui apresentados.

O grupo de dança Diversus vem se constituindo um espaço formativo, na busca por outras epistemologias que pautem e fortaleçam poéticas em dança, como as discussões

e noções sobre a diferença, alteridade e as biopolíticas do corpo. Trata-se de práticas de criação em dança, engajadas no lugar das experimentações e das criações colaborativas. Assegura-se, assim, o direito de ser e estar no mundo a partir da diferença que não inferioriza, provocando e instaurando outras reflexões nos espaços formativos como escolas técnicas, teatros, cursos de graduação e pós-graduação, companhias e grupos de dança.

Por fim, foram propostas ações afirmativas que busquem estar juntas para dançar e transbordar em formas de se relacionar e (re)existir. Defendeu-se a pesquisa de processos de investigação corporal, que leva à construção de uma autonomia social e coletiva, desde o conhecimento do eu ao reconhecimento do outro. Sem tentar tornar um outro mais eficiente ou produtivo, lhe conferindo o direito de existir, se reconhece o outro pela possibilidade da diferença, da complementariedade e incompletude, de um ser em devir constante. Assim, deixa-se a pergunta: O que transborda em você?

REFERÊNCIAS

- AMOEDO BARRAL, José Henrique. **Oficina de Dança** – 6 de junho. 2022. n. p. Notas de aula.
- AMOEDO BARRAL, José Henrique. **Dança inclusiva em contexto artístico: análise de duas companhias**. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, Portugal, 2002.
- ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. **Os sentidos da sensibilidade, sua fruição no fenômeno do educar**. Salvador: EDUFBA, 2008. (esta referência ao foi utilizada ao longo do texto)
- BAIRD, BRUCE. Butô dança da diferença. **Ephemer**, PPGAC/UFOP, v. 2, n. 2, Ouro Preto, ago., 2018, p. 1-8. ISSN- 2596-0229. Disponível em: <https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/ephemera/issue/view/157>. Acesso em: dia? mês abreviado? Ano?. (inserir essas informações) (esta referência ao foi utilizada ao longo do texto)
- BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. Modernidade/Colonialidade sem “Imperialidade”? O Elo Perdido do Giro Decolonial, **Revista de Ciências Sociais**, v. 60, n. 2, Rio de Janeiro, 2017, p. 505-540.
- BEIGUI, Alex. Corpo e Deficiência em Cena: para além da inclusão e da acessibilidade. **Ephemer** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, v. 3, n. 5, Ouro Preto, maio/ago., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/ephemera/article/view/4426>. Acesso em: 20 set 2022.
- BERTOLDI, Andréa Lucia S.; SOUZA, Cláudia Aparecida Fantin de. Dança inclusiva e o efeito borboleta. **Revista FACED**, n. 16, Salvador, jul./dez., 2009, p. 51-62.
- BRASIL. **Lei n. 14.017, de 29 de junho de 2020**. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo n. 6, de 20 de março de 2020. Diário oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 123, p. 1, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.017-de-29-de-junho-de-2020-264166628>. Acesso em: 20 set 2022.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.
- DALLA DÉA, Vanessa Helena Santana.; LIMA, Marlini Dorneles de; BARRAL, José Henrique Amoedo; FERREIRA, Júlia Mariano. Dança como possibilidade de educação para Direitos Humanos: entendendo, discutindo e encenando o Holocausto. **Revista Brasileira De Educação Física E Esporte**, v. 35, n. 3, São Paulo, 2021, p. 89-97. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.v35i3p89-97>. Acesso em: 20 set 2022.
- DANÇANDO com a Diferença. **Quem somos**. Disponível em: <https://danca-inclusiva.com/associacao/quem-somos>. Acesso em: 21 set. 2022.
- DO CARMO, Carlos Eduardo Oliveira; DE CASTRO, Fátima Campos Daltro. Desconstrução da bipedia compulsória na Dança. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 16, n. 4, Florianópo-

lis, 2020, p. 59-84. DOI: 10.5965/19843178164202059. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/17998>. Acesso em: 10 jul. 2022.

FERNANDES, Ciane. **Pina Baush e o Wuppertal dança-teatro: repetições e transformações**. São Paulo: Hucitec, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GALEÃO-SILVA, Luiz Guilherme; ALVES, Mario Aquino. A Crítica do Conceito de Diversidade nas Organizações. In: **II Encontro Nacional de Estudos Organizacionais**, 2002, Recife. Anais do II Eneo. Rio de Janeiro: GEO/ANPAD, v. 1, 2002.

GREINER, Cristine. O corpo e os mapas da alteridade. **Moringa Artes do Espetáculo**. João Pessoa: UFPB, v. 10, n. 2, Paraíba, jun-dez, 2019, p. 53-64.

GREINER, Cristine. **Fabulações do corpo japonês e seus microativismos**. São Paulo: N-1 edições, 2017.

MOTA NETO, João Colares. **Por uma Pedagogia Decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Curitiba: CRV, 2016.

OLIVEIRA, Felipe Henrique Monteiro. O performer insurgente da cena: performances de um corpo diferenciado, **Sala Preta**, v. 19, n. 2, São Paulo, 2019, p. 197-209.

RATTS, Alex; GOMES, Bethânia (org.). **Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.

TOURINHO, Lígia. **Jogo Coreográfico: uma proposta pedagógica e artística sobre o fenômeno da composição coreográfica e dramaturgical na dança contemporânea**. **IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas 1**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.



ABSTRACT

The Diversus Dance Group seeks to question, tension and why not deconstruct normative patterns of the body that dances and makes art, presenting a proposal of Inclusive Dance rubbed and dilated by decolonial. Through its artistic productions it proposes to study the cultural accessibility present in the creative processes and unveiled in accessible poetics and in the processes of artistic training with and for people with and without disabilities. This article presents the report and reflection on three formative actions that start from the virtual show TransBordar, conceived through an accessible scenic conception, guided by the dialogue with cartographies of dancing, singular and diverse bodies. In numbers, there were two audiovisual shows with 5 exhibitions and debates on social networks, 11 dance workshops, and two conversation circles.

Keywords: Dance; Inclusion; Cultural accessibility.

RESUMEN

El Grupo de Danza Diversus busca cuestionar, proponer y por qué no deconstruir patrones normativos del cuerpo que baila y hace arte, presentando una propuesta de Danza Inclusiva frotada y dilatada por el pensamiento decolonial. A través de sus producciones artísticas se propone estudiar la accesibilidad cultural presente en los procesos creativos y develados en las poéticas accesibles y en los procesos de formación artística con y para personas con y sin discapacidad. Este artículo presenta el informe y la reflexión sobre tres acciones formativas que parten del espectáculo virtual TransBordar, concebido a través de una concepción escénica accesible, guiada por el diálogo con cartografías de cuerpos danzantes, singulares y diversos. En números, fueron dos espectáculos audiovisuales con 5 exhibiciones y debates en redes sociales, 11 talleres de danza y dos ruedas de conversación.

Palabras llave: Danza; Inclusión; Accesibilidad cultural.